

O CORPO EM EXÍLIO NA SÉRIE "SILHUETA" DE ANA MENDIETA

Palavras-Chave: ANA MENDIETA, EXÍLIO, CORPO, PROCESSOS ARTÍSTICOS EM DESLOCAMENTO

Autores:

ARTUR STRAUCH PINTO DANTAS CUNHA, IA – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. SYLVIA HELENA FUREGATTI (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O projeto de pesquisa *O corpo em exílio na série "Silhueta" de Ana Mendieta* foi elaborado para o programa de iniciação científica PIBIC 2024/2025. Enfatizando o corpo como um dispositivo para discursar sobre o exílio na arte contemporânea, este estudo investiga a série "Silhueta" (1973-1981) de Ana Mendieta. O objetivo principal é analisar como essa série articula com a corporeidade para tensionar o espectador a refletir sobre a desterritorialização vivida pela artista, integrando práticas escultóricas e performáticas que materializam a ruptura forçada com o território de origem. Ana Mendieta aborda o exílio como uma experiência violenta e traumática, ao mesmo tempo em que reinscreve sua condição de desenraizamento e procura restabelecer, poeticamente, sua ligação com a terra enquanto elemento natural que simboliza seu território de origem.

"Silhueta" é uma série composta por aproximadamente 200 obras documentadas em fotografias e filmes em Super 8. Utilizando recursos naturais, a artista modelava, modificava, subtraía e adicionava ao solo criando aquilo que nomeou de *earth-body sculptures*. Essas ações eram geralmente presenciadas por grupos pequenos ou realizadas em completa solitude. Assim, o público só teve acesso a essas obras por meio dos registros em Super 8 e das fotografias, que capturam o caráter ritualístico do processo de Mendieta.

Embora Ana Mendieta tenha ressalvas quanto ao classificar seu trabalho como "performance", suas obras ainda assim possuem um caráter performático. Por mais escultóricas que fossem suas intervenções na paisagem, o processo de criação delas era marcadamente ritualístico. Mendieta apropria-se de elementos de práticas religiosas do Atlântico Negro e indígenas, ressignificando esses rituais para abordar seu exílio e as condições relacionadas ao seu processo de desterritorialização. Essa série de trabalhos levantava questões abrangentes sobre identidade, pertencimento e território, especialmente relevantes no contexto da Guerra Fria e do crescente debate sobre a decolonialidade.

Ana Mendieta recusa a fixação de um único lugar e reivindica o não-pertencimento como gesto político, narrando incessantemente sua condição de deslocamento. Mesmo ausente, seu corpo

inscreve-se na paisagem como discurso. Por meio de rituais que deixam marcas efêmeras, ela constrói vínculos simbólicos, plásticos, autorais, entre história e identidade, assim, reinventando a própria ideia de arquivo, transformando o efêmero em testemunho de uma identidade que se funda no exílio.

A pesquisa examina as entrevistas da própria artista, textos críticos e referenciais teóricos que discutem sobre essas questões, evidenciando a relação entre corporeidade e exílio. Ao integrar essas fontes, o estudo propõe refletir sobre como Ana Mendieta constrói um discurso poético acerca de seu exílio na série “Silhueta”, enfatizando o papel do corpo nesse processo sob uma perspectiva crítica ao colonialismo através do resgate de práticas de espiritualidade originárias e afrodiaspóricas.

METODOLOGIA:

Para estruturar este estudo, definiu-se uma metodologia de pesquisa em etapas, garantindo a relevância do projeto e o cumprimento do cronograma, dividida em: levantamento referencial e bibliográfico; leitura, análise e sistematização dos dados por meio de elaborações textuais.

Em primeiro lugar, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de mapear as diversas perspectivas relacionadas à temática escolhida. Nessa etapa, foram levantados dados bibliográficos e documentais sobre Ana Mendieta, especificamente a série “Silhueta” (1973-1981). A pesquisa envolveu consultas a bibliotecas físicas, repositórios digitais, sites de galerias e periódicos especializados, de modo a localizar livros, artigos, entrevistas, textos críticos, catálogos de exposições e documentários que oferecessem uma visão abrangente do assunto. Esses materiais foram essenciais para compreender o discurso poético de Mendieta e analisar como ela tematizou o exílio por meio do corpo em suas criações.

Além disso, procurou-se fundamentação teórica que enriquecesse a compreensão do exílio no contexto histórico-político contemporâneo. Foram consultados autores como Hal Foster, Edward Said, Julia Kristeva e Michael Maffesoli, entre outros, para analisar as singularidades dos deslocamentos humanos nas dinâmicas geopolíticas e sociais. Essa amplitude teórica permitiu, em seguida, retomar o estudo de caso de Ana Mendieta, focando na série “Silhueta” e incorporando múltiplas abordagens críticas no contexto da teoria e crítica da arte.

Na etapa das elaborações textuais, examinou-se a poética do corpo exilado e seus desdobramentos no processo artístico de Mendieta. Realizou-se uma análise conceitual das obras selecionadas, embasada principalmente em escritos e entrevistas da própria artista e complementada por reflexões de pesquisadores especializados em sua produção, com o objetivo de compreender de que modo o exílio se manifesta em sua expressão artística.

Para garantir o aproveitamento integral do material, manteve-se uma organização rigorosa das fontes. As principais referências foram fichadas para facilitar consultas futuras e orientar tanto a redação das análises quanto a elaboração de relatórios. Paralelamente, o contato constante com a orientadora foi essencial, propiciando discussões sobre o andamento do trabalho e indicando novas referências para a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir da análise de entrevistas de Ana Mendieta, textos críticos e teorias sobre deslocamento, exílio e corporeidade, é possível entender como a artista se apropriou e ressignificou elementos religiosos do Atlântico Negro. Ao integrar rituais, crenças e símbolos, Mendieta construiu um ato de resistência à violência colonial.

A história de Ana Mendieta é frequentemente marcada pelo seu exílio para os Estados Unidos em 1961, aos 12 anos. Como observou Coco Fusco, essa experiência a marcou como uma “estrangeira em relativo isolamento” desde o início da sua vida¹. A própria Mendieta reforçou sua condição ambígua em diversas entrevistas e anotações. Em uma conversa com a escritora Judith Wilson, ela expressou essa dualidade de forma clara: “Eu estou entre duas culturas, sabe?”².

Embora tenha sido criada no catolicismo, Mendieta descobriu que os elementos rituais e materiais das religiões afro-cubanas, como a Santería, a reconectaram à sua vida anterior em Cuba. Em uma entrevista a Joan Marter, a artista afirmou que essas referências estavam diretamente ligadas às suas memórias de infância³.

Essa conexão é explorada por Genevieve Hyacinthe no livro *“Radical Virtuosity: Ana Mendieta and the Black Atlantic”* (2019). A autora investiga o interesse de Mendieta pelas dinâmicas de difusão estética do Atlântico Negro, mostrando como essa temática se manifesta em seus processos performáticos e na fotodocumentação. Na série “Silhueta”, por exemplo, a artista empregou rituais performáticos associados à Santería, utilizando materiais como sangue, terra, água e pólvora, que são intimamente conectados a essa religião.

Apesar de seu processo artístico estar ligado à linguagem da performance, Ana Mendieta classificava seu trabalho como escultórico. Stephanie Rosenthal, curadora da exposição “Traces” (Hayward Gallery, Londres, 2013), a descreve como “uma escultora cujas obras se tornaram fisicamente ‘efêmeras’, mas foram estrategicamente documentadas ‘com slides coloridos de 35mm ou filmes Super 8’”⁴.

Silvio Gaggi, em seu texto “Sculpture, Theater and Art Performance” (1986), contrapõe a temporalidade da performance e da escultura. Para ele, a performance exige que o espectador acompanhe a obra “do início ao fim”, enquanto a escultura permite uma fruição em ritmo próprio⁵. Ao documentar suas ações por meio de fotografias ou filmes, Mendieta estabelece uma ponte entre esses dois modos de temporalizar o espaço, conferindo permanência ao que, originalmente, é efêmero. As silhuetas, geralmente realizadas em locais remotos e desprovidos de qualquer contato humano, só alcançam o público por meio desses registros. É por meio deles que Ana Mendieta faz sua obra ultrapassar a própria passagem do tempo.

Ao utilizar o próprio corpo para criar intervenções na natureza que se desfazem com o tempo, a

¹ Fusco, 1992, p. 52.

² Mendieta *apud* Wilson, 1980, p. 71.

³ Hyacinthe, 2019, p. 22.

⁴ Rosenthal *apud* Hyacinthe, 2019, p. 17.

⁵ Gaggi, 1986, p. 49.

artista Ana Mendieta oferece uma reflexão sobre o exílio. Essas marcas corporais rompem a harmonia do ambiente, gerando um estranhamento que se conecta diretamente com as ideias de Michel Maffesoli (2001). Segundo o sociólogo, o encontro com o "outro" é o que nos permite reconhecer a nós mesmos na tensão entre a identidade e a alteridade. Ao incorporar esse elemento do estranho, Mendieta explora a ambiguidade do exílio e convida o observador a transitar por essa fronteira fluida entre o que é familiar e o que é estrangeiro.

Julia Kristeva (1994) descreve o exilado como alguém em busca de um "território invisível", um lugar idealizado que nunca se materializa, mas que motiva sua jornada⁶. Nas intervenções de Mendieta sobre as paisagens de seu exílio, esse território é temporariamente capturado por suas silhuetas, pela forma particular de seu corpo presentificado nas ações na paisagem e nas fotografias e vídeos que ela cria a partir das ações feitas.

"Silhueta Sangrenta" (fig. 1), de 1975, é um filme que apresenta uma silhueta na lama à beira de um rio em Iowa. Inicialmente, a artista está deitada nua sobre a superfície da terra. No momento seguinte, seu corpo desaparece, revelando uma silhueta esculpida na superfície lamacenta abaixo que é então preenchida com um líquido vermelho. Como indica em seu título, essa imagem reflete sobre violência.

Edward Said (2003), em sua reflexão sobre o deslocamento compulsório, observa que o exílio não se resume a uma experiência traumática, mas configura uma ruptura irreparável entre o indivíduo e sua terra natal, condição que instiga uma reflexão contínua sobre identidade e pertencimento. Em obras como "Silhueta Sangrenta", Ana Mendieta explora sua própria desterritorialização, assim como outros artistas latino-americanos imigrantes retratam o trauma da perda territorial, evidenciando relatos das brutais expulsões de seus países de origem. A obra de Mendieta, no entanto, destaca-se ao transformar a paisagem em um corpo simbólico, no qual sua ausência física se converte em um discurso de recusa à adaptação ao território, assumindo ostensivamente a condição de estrangeira.



Figura 1 – Silhueta Sangrenta, 1975, série "Silhueta" - fonte: Galerie Lelong.

CONCLUSÕES:

A análise da série "Silhueta" de Ana Mendieta revela o corpo como um dispositivo estético e político capaz de tecer um discurso poético sobre o exílio. Nas *earth-body sculptures*, a artista emprega materiais naturais para criar marcas efêmeras que tensionam a relação entre identidade e território. Por meio de processos ritualísticos, ela reinscreve seu desenraizamento e, ao resgatar práticas espirituais originárias e afrodiaspóricas, instaura formas de resistência à violência colonial.

⁶ "Nenhum obstáculo o detém, e todo sofrimento, todo insulto, toda rejeição são indiferentes a ele enquanto busca aquele território invisível, aquele país que não existe, mas que ele carrega em seus sonhos, e que de fato deve ser chamado de além." (Kristeva, 1994, p. 5).

Este estudo articulou entrevistas de Ana Mendieta, críticas especializadas e referenciais teóricos que vão da pós-colonialidade às reflexões sobre corporeidade e performance. Essa integração evidenciou como a documentação em Super 8 e fotografia garantem a permanência do gesto ritualístico na paisagem e na memória do público. Assim, os registros visuais emergem como arquivos capazes de transcender a fugacidade inerente à intervenção com recursos naturais na paisagem.

Em síntese, a pesquisa reforça a obra de Mendieta como símbolo de resistência, na qual a fusão entre natureza e memória ultrapassa limites físicos e culturais, narrando sobre pertencimento e ausência. Ao se fundir ritualisticamente com a terra, Ana Mendieta desenvolve uma linguagem artística que tensiona as fronteiras entre corpo e exílio, oferecendo novas perspectivas sobre corporeidade e deslocamento.

BIBLIOGRAFIA

- BLOCKER, Jane. **Where is Ana Mendieta? Identity, performativity, and exile**. Durham: Duke University Press, 1999.
- FUSCO, Coco. Displacement: traces of Ana Mendieta. In: **Poliester**. Nova York, n. 4, p. 52-61, 1992.
- GAGGI, Silvio. Sculpture, Theater and Art Performance: Notes on the Convergence of the Arts. In: **Leonardo**, v. 19, n. 1, p. 45–52, jan. 1986.
- HERZBERG, Julia. **Ana Mendieta, the Iowa Years: A Critical Study, 1969 through 1977**. 1998. Dissertação (Mestrado em Artes) – City University of New York, Nova York, 1998.
- HYACINTHE, Genevieve. **Radical virtuosity: Ana Mendieta and the black Atlantic**. Cambridge, MA: MIT Press, 2019.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiro para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WILSON, Judith. **Ana Mendieta plants her garden**. The Village Voice, Nova York, p. 71, 13 ago. 1980.